

# A fanática missão civilizadora de um religioso na Angola rural do século XVII (*A Gloriosa Família*, de Pepetela)

Denise Rocha\*

## Resumo

O objetivo do artigo é mostrar a intempestiva chegada do padre Tavares para acabar com o sincretismo religioso na propriedade rural de Baltazar Van Dum, protagonista de *A Gloriosa Família*, de Pepetela, que aborda a dominação de Luanda pelos holandeses (1641-1648), em confronto com os portugueses por causa do comércio de escravos destinados às lavouras brasileiras de cana-de-açúcar. A análise da investida furiosa do religioso será ancorada nas reflexões de Obiechina, Opuku, Cuhe e Cavazzi, com ênfase nos conceitos de contato cultural, sincretismo religioso e metaficção historiográfica (HUTCHEON).

**Palavras-chave:** Literatura angolana. Pepetela. Sincretismo religioso. Metaficção historiográfica.

## The fanatical civilizing mission of a religious in Angola Rural XVII century (*The Glorious Family*, Pepetela)

### Abstract

The objective of this article is to show the untimely arrival of Tavares priest to stop the religious syncretism in rural property Baltazar Van Dum, protagonist of *The Glorious Family*, Pepetela which addresses the domination of Luanda by the Dutch (1641-1648) in confrontation with the Portuguese because of the slave trade for the Brazilian crops of sugarcane. The analysis of furious religious onslaught will be based on reflections

---

\* Professora da Universidade Federal do Ceará. Licenciatura e Doutorado em Letras UNESP – Assis e bacharelado em História na Ruprecht-Karls Universität Heidelberg, Alemanha. E-mail: dena.maria@outlook.com

of Obiechina, Opuku, Cush and Cavazzi, with emphasis on cultural contact concepts, religious syncretism and historiographical metafiction (HUTCHEON).

Key-words: Angolan literature. Pepetela. Religious syncretism. Historiographical metafiction.

## La fanática misión civilizadora de un religioso en la Angola rural del siglo XVII (*La Gloriosa Familia*, de Pepetela)

### Resumen

El objetivo de este artículo es mostrar la llegada prematura del Padre Tavares para poner fin al sincretismo religioso en la propiedad rural de Baltazar Van Dum, protagonista de *La Gloriosa Familia*, de Pepetela, que se ocupa de la dominación de Luanda por los holandeses (1641-1648) en confrontación con los portugueses debido el comercio de esclavos para los cultivos de caña de azúcar en Brasil. El análisis de la embestida furiosa del religioso será anclada en las reflexiones de Obiechina, Opuku, Cuche y Cavazzi, con énfasis en los conceptos de contacto cultural, sincretismo religioso y metaficción historiográfica (HUTCHEON).

**Palabras clave:** Literatura angoleña. Pepetela. Sincretismo religioso. Metaficción historiográfica.



Figura 1 – Cristianismo na África (Missão católica).

## Introdução

Em nome da religião,<sup>1</sup> da fé verdadeira e da salvação da alma, os missionários europeus – capuchinhos e jesuítas – invadiram culturas da costa ocidental africana (Congo, Matamba e Angola), desde o século XV, no âmbito da colonização portuguesa. Durante o radical processo de evangelização, tais religiosos negavam a existência das divindades e dos espíritos, combatiam o culto aos ancestrais e repudiavam os sacerdotes nativos, os curandeiros e os feiticeiros, bem como, rejeitavam as formas de expressão das religiosidades locais: os ritos de passagem, as cerimônias para os recém-nascidos e os mortos, as oferendas, as libações, a leitura de búzios etc. Por meio de visitas de padres e seus línguas (intérpretes) aos kimbos (aldeias), e da criação de missões e escolas católicas, o cristianismo adentrou e se tornou um elemento desagregador da cultura local, conforme aparece no romance *A Gloriosa Família*: No tempo dos Flamengos, do angolano Pepetela.

Publicada em 1997, a narrativa evoca a triangulação infame do Atlântico: São Paulo de Luanda, nos anos 40 do século XVII, tornou-se palco periférico do Brasil Luso e do Brasil Holandês no mercado de escravos. De Recife, capital da Nova Holanda, administrada por Johann Moritz von Nassau-Singen (Maurício de Nassau), partiram os holandeses calvinistas rumo a Luanda, que conquistaram rapidamente, no dia 25 de agosto de 1641, e, por isso, o governador católico Pedro César de Menezes fugiu com alguns habitantes, eclesiásticos, soldados e cativos para a vila de Massangano, na região do rio Bengo. A reconquista de Luanda aos flamengos ocorreu no ano de 1648.

O narrador-escravo relata os sete anos da ocupação holandesa, destacando o cotidiano da família do comerciante negro, Baltazar Van Dum (personagem histórico),<sup>2</sup> sua esposa oficial, a nativa Inocência, os filhos legítimos e bastardos, e os forros e escravos de sua propriedade rural (sanzala).

---

<sup>1</sup> Religião: “Crença na garantia sobrenatural de salvação, e técnicas destinadas a obter e conservar essa garantia. A garantia religiosa é *sobrenatural*, no sentido de situar-se além dos limites abarcados pelos poderes do homem, de agir ou poder agir onde tais poderes são impotentes e de ter um modo de ação misterioso e imperscrutável” (ABBAGNANO, 2012, p. 997).

<sup>2</sup> No PRÓLOGO, de *A Gloriosa Família*, foi incluído um trecho do historiador Cadornega a respeito de um contemporâneo, um estrangeiro residente em Luanda: “Em a cidade assistia hum homem por nome Baltazar Van Dum, Flamengo de Nação, mas de animo Portuguez que havia ido dos primeiros Arrayaes para a Loanda com permissão de quem governava os Portuguezes [...]” (CADORNEGA *apud* PEPETELA, 1999, p. 9). O excerto mencionado encontra-se na obra *História Geral das Guerras Angolana* (1680), de António de Oliveira Cadornega, que também aparece como personagem (pretendente recusado por Matilde Van Dum) no romance de Pepetela.

Presente da rainha Jinga ao holandês católico, o cativo mudo, que viveu na corte dela, evoca um episódio assustador para os moradores da fazenda de Van Dum: a chegada do padre Tavares (1645), que investido de “uma fúria sagrada” (PEPETELA, 1999, p. 196) em nome de uma missão evangelizadora radical e hegemônica, adentrou as cubatas (casas) à busca de objetos sagrados que faziam parte da etnia, religião e identidade dos residentes já batizados. A meta do clérigo era acabar com o sincretismo religioso.

Para melhor entender o confronto de dois mundos – o europeu e o africano –, sob a perspectiva etnocêntrica religiosa, no século XVII, segundo apresentado no romance *A Gloriosa Família* (“metaficção historiográfica” [HUTCHEON]), torna-se necessário mencionar, de um lado, as reflexões dos contemporâneos Obiechina e Opuku acerca da tradição religiosa na África, bem como, a de Cuhe sobre grupos sociais e suas relações de dominação e subordinação. E, de outro, as recomendações do capuchinho Cavazzi (1621-1678) aos colegas missionários para a catequização no Congo, Matamba e Angola. O estudo do radicalismo de padre Tavares será realizado com ênfase nos conceitos de contato cultural (assimilação e aculturação) e de sincretismo religioso.

## **A religião tradicional na Costa Ocidental Da África (Obiechina e Opuku)**

A igreja romana, como um dos instrumentos de dominação colonial na costa ocidental africana, a partir do século XV, pautava a evangelização na força de sua ideologia monoteísta que influenciou comportamentos. Antes da chegada invasiva do catolicismo, entre outras formas de civilização europeia, viviam muitas etnias com idiomas e mundivivências múltiplas.

Na obra *Culture, Tradition and Society in the West African Novel* (1978), Emmanuel N. Obiechina acentua que a religião africana, como parte essencial da cultura, é onipresente em todas as esferas da vida:

Não existe qualquer dimensão importante da experiência humana que não esteja ligada ao sobrenatural, ao sentimento religioso popular e à piedade [...]. Tudo isso constitui parte integrante da estrutura ideológica da sociedade tradicional e é essencial para uma interpretação exata da experiência no contexto social tradicional (OBIECHINA *apud* OPUKU, 2010, p. 591).

Em *A religião na África durante a época colonial*, Kofi A. Opuku esclarece sobre as formas de cosmovisão espiritual de raiz africana não muçulmana e

sua concepção especial do mundo, que abrangia: “a percepção do sobrenatural [...], a compreensão da natureza do universo, dos seres humanos e do seu lugar no mundo, assim como a compreensão da natureza de Deus, cujo nome variava de uma região para outra” (OPUKU, 2010, p. 592). Havia um Deus, um espírito superior à sua criação, sem imagens ou representações físicas, governador da vida e da morte, fonte de “Poder, justiça, beneficência e eternidade” que recompensava os bons e castigava os maus. Abaixo de Deus tinha uma hierarquia de espíritos: a dos ancestrais, a das deidades ou deuses, e a dos espíritos ou “poderes místicos”. Os espíritos dos ancestrais eram sempre tratados com temor e veneração. E os deuses, alguns dos quais estavam vinculados às características do ambiente, seriam reverenciados por sacerdotes em cultos e altares e podiam tratar bem os seres humanos e também punir com doenças, má sorte e morte. Havia ainda outros espíritos, denominados também de:

[...] poderes místicos, reconhecidos pela capacidade de ajudar ou de prejudicar os seres humanos. Pertenciam a essa esfera todos os agentes da feitiçaria, da magia e da bruxaria. Finalmente, vinham os encantos, os amuletos e os talismãs, que tanto eram empregados para proteção como para agressão (OPUKU, 2010, p. 592).



**Figura 2** – Amuletos e talismãs africanos.

No processo de cristianização, os objetos mágico-religiosos, já mencionados, foram substituídos por crucifixos, imagens e quadros de santos e rosários.<sup>3</sup> Trata-se da imposição no contato cultural assimétrico de símbolos de poder colonial.

## **Contato cultural, relação de dominação/subjugação e sincretismo**

O contato cultural (assimilação ou aculturação) entre povos, que ocorre por meio de conquista e imigração, entre outros aspectos, pode influenciar ambas. No *Dicionário de Sociologia*, Allan G. Johnson esclarece no verbete Contato cultural que:

Com o processo de *assimilação* (conhecido também como *aculturação*), um grupo dominante pode impor com tanta eficiência sua cultura a grupos subordinados que estes se tornam virtualmente indistinguíveis da cultura dominante (JOHNSON, 1997, p. 52).

A respeito do entrelaçamento desigual entre as civilizações – a branca e a religião católica e a negra e a religião autóctone –, o autor francês Denys Cuhe, na obra *A noção de cultura nas ciências sociais*, esclarece que:

Falar de cultura “dominante” e de cultura “dominada” é então recorrer a metáforas; na realidade o que existe são grupos sociais que estão em relação de dominação ou de subordinação uns com os outros.

Nesta perspectiva, uma cultura dominada não é necessariamente uma cultura alienada, totalmente dependente. É uma cultura que, em sua evolução, não pode desconsiderar a cultura dominante (a recíproca também é verdadeira, ainda que em grau menor), mas que pode resistir em maior ou em menor escala à imposição cultural dominante (CUCHE, 2002, p. 145).

A relação de dominação dos colonizadores portugueses e sua missão civilizatória foram impostas com um grande aparato administrativo e militar,

---

<sup>3</sup> No artigo *Evangelização e poder na região do Congo e Angola: a incorporação dos crucifixos por alguns chefes centro-africanos, séculos XVI e XVII*, de Marina de Mello e Souza, consta que “a introdução de objetos usados nos rituais católicos e nas rezas individuais acompanhou o trabalho dos missionários. Junto com os ensinamentos cristãos, os religiosos trouxeram imagens de santos e crucifixos, que logo foram adotados pelos nativos como novas modalidades de objetos mágico-religiosos e comerciados pelos cristãos-novos e seus representantes nos resgates do sertão” (SOUZA, s.d., p. 10).

bem como, por meio do trabalho dos missionários, que não puderam evitar a resistência (sincretismo religioso).

O conceito de sincretismo, segundo o *Dicionário de Filosofia*, de Sérgio Biasi Gregório, significa:

[...] originalmente, a união dos cretenses contra o inimigo comum, porque habitualmente estavam desunidos. No século XVII, porém, pensando que o termo procedia do verbo misturar, passou ele a significar mescla de doutrinas derivadas de diversa proveniência: católica, luterana, calvinista. A partir daí, o conceito alargou-se a toda forma de mistura - por justaposição, composição, sobreposição ou fusão - de doutrinas, de ritos, de imagens, de símbolos (GREGÓRIO, s.d., *on-line*).

Apesar da conversão ao cristianismo e aos seus sacramentos, muitos nativos preservaram suas tradições religiosas, conforme é mostrado no romance *A Gloriosa Família*, de Pepetela, que delinea as árduas investidas de missionários para destruírem a religiosidade tradicional em suas variadas manifestações.

## **As missões católicas na África Portuguesa: o testemunho de Cavazzi (século XVII)**

A igreja católico-romana, que foi a grande aliada dos reis europeus no processo de colonização e evangelização no além-mar, acompanhou as naus portuguesas desde o início das instalações de feitorias na costa ocidental africana, no século XV:

A instauração do domínio colonial ajudou consideravelmente a obra dos missionários. Em primeiro lugar, os administradores coloniais e missionários compartilham a mesma visão do mundo e provinham da mesma cultura. Em segundo lugar, a administração colonial alimentava disposição favorável ao trabalho dos missionários e, muitas vezes, subvencionava as escolas das missões. Em terceiro lugar, a imposição do controle colonial em cada território assegurava a paz e a ordem, graças às quais os missionários podiam contar com a proteção da administração. Em quarto lugar, a introdução dos meios de comunicação eficazes e a instauração da economia monetária estimularam o comércio e contribuíram para o advento de um novo estilo de vida, que haveria de impor-se em toda a África, estilo de vida caracterizado pela falência das comunidades em proveito do individualismo (OPUKU, 2010, p. 610 e 611).

O processo de colonização africana pelos portugueses, inicialmente instaurado na Guiné e no Congo, no final do século XV, visava controlar



as pessoas – corpo e alma – e foi consolidado por meio de contratos de vassalização de sobas (chefes locais), que permitiam aos portugueses a construção de feitorias e fortalezas em suas terras, em troca de defesa militar contra povos rivais.



**Figura 3** – Catequização católica diante de um cubata.

O intruso europeu, branco e cristão, legitimava sua presença não somente com militares, administradores, artesãos e agregados, entre outros, mas também com religiosos – capuchinhos e jesuítas – que, a partir do século XV, iniciavam a catequização católica e seus sacramentos, a qual pregava a existência de um Deus único e negava as distintas formas de expressões religiosas autóctones.<sup>4</sup>

Nomeado pelo papa Gregório X, em 1653, para atuar nas missões da costa ocidental africana, foi o capuchinho italiano, Padre Giovanni Antonio Cavazzi de Montecúcollo (1621-1678), que foi contemporâneo da rainha Jinga.<sup>5</sup>

<sup>4</sup> Vastas regiões dos reinos do Congo, Matamba e Angola, localizados na costa ocidental-central africanas, desde o século XV, eram colônias portuguesas, nas quais o rei luso tinha amplo poder sobre os cargos, os postos e os benefícios eclesiásticos, pois era o patrono das missões católicas nos territórios de além-mar que estavam submetidas ao padroado (direitos e deveres concedidos pelo papado à coroa lusa).

<sup>5</sup> Ele escreveu a obra monumental, *Descrição histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola*, composta por dois volumes, divididos em sete livros, e que foi publicada somente no ano de 1665, em língua portuguesa. No primeiro volume é descrita a natureza africana (árvores, frutas, flores, ervas, animais, climas e tipos de agricultura) e, no segundo, a contribuição dos capuchinhos no processo de evangelização e a menção de casos de conversões e resistências.



Na obra *Descrição histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola*, Cavazzi menciona que o rei de Portugal autorizou missionários europeus para pregarem a Palavra de Deus e que “os capuchinhos ficavam livres para penetrar em todas as regiões, para extirpar as idolatrias, os malefícios, as superstições e todos os abusos, com graves ameaças contra quem tivesse a ousadia de insultá-los ou de impedi-les o seu apostolado” (CAVAZZI, 1965, v. 1, p. 378).

Em relação à catequização dos nativos, o padre fez várias sugestões aos futuros evangelizadores sobre como deviam se comportar diante da inconstância dos africanos, que insistiam em manter a religião local: “Esses pretos praticam diversas superstições, e eu gostaria de não ter que as narrar, pois são ridículas; se o faço é apenas para instruir os missionários, para que possam tirar os Pretos dos seus enganos” (CAVAZZI, 1965, v. 1, p. 113). Ele comentou ainda o papel dos sacerdotes locais que prejudicavam muito a conversão dos nativos: “Entre tantos feiticeiros, um há que não mereceria ser lembrado, se esta omissão não prejudicasse o conhecimento necessário que eu, por meio deste escrito, pretendo dar aos missionários” (CAVAZZI, 1965, v. 1, p. 201).

Quando encontravam objetos mágico-religiosos nas casas, os padres aspergiam água benta e confiscavam os amuletos e talismãs, jogando-os no fogo purificador, conforme realiza Padre Tavares na sanzala de Baltazar Van Dum.

## ***A Gloriosa Família: no tempo dos flamengos (“Metaficção Historiográfica” [Hutcheon])***

O sociólogo Arthur Carlos Maurício Pestana dos Santos (1941),<sup>6</sup> o Pepetela (pestana em idioma umbundo), pesquisou as raízes da história de Angola e, em contradição à historiografia oficial portuguesa, que exaltava a

---

<sup>6</sup> Após enfrentar cerca de 15 anos de guerra até conseguir se libertar do jugo português (1975), Angola mergulhou em outro conflito armado, pois a UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola) não concordou em ceder o poder ao MPLA (Movimento Popular para a Libertação de Angola), tornando-se a única nação sul-africana não pacificada com um saldo de cerca de 1 milhão de mortos. A partir do final dos anos 1970, Angola tornou-se palco periférico da Guerra Fria: a UNITA foi financiada pelos Estados Unidos da América até 1991, e pelo governo da apartheid da África do Sul, e a contraente, MPLA, recebeu o apoio irrestrito da União Soviética e de Cuba. Os conflitos ideológicos entre o capitalismo e o socialismo, levados em nível bélico pelos movimentos locais, provocaram a colocação de 10 milhões de minas terrestres, causando o maior número de mutilações do mundo (GUERRA, 2001, p. D10).

As experiências de Pepetela sobre sua vida como estudante angolano, em Lisboa, seu engajamento na luta armada pela independência e sua desilusão pela preferência dos políticos de seu país pela globalização, estão refletidas no romance *A geração da utopia*, publicado em 1991.

colonização portuguesa, escreveu os romances de fundo histórico: *A revolta da casa dos ídolos* (1980), *Yaka* (1984), *Lueji: O nascimento dum império* (1989) e *A Gloriosa Família: O Tempo dos Flamengos* (1997).

A narrativa *A Gloriosa Família*, que aborda a época da ocupação holandesa de Luanda (Angola), nos 1641 a 1648, pode ser classificada de “metaficção historiográfica”, um conceito de Linda Hutcheon que aparece na obra *Poética do Pós-Modernismo: história, teoria, ficção*.

A partir da década de 1980, surgiu um tipo de produção literária denominada de “novo romance histórico”, o qual, com caráter metadiscursivo, refletia uma tentativa crítica de reescrita da historiografia oficial que apresentava a versão do colonizador. Por meio da ironia, da metadiscursividade, da paródia e da intertextualidade, os escritores de narrativas de fundo histórico enfatizam o discurso do oprimido, do “ex-cêntrico”, que enfrenta os mecanismos do poder em narrativa denominada de “metaficção historiográfica” (HUTCHEON, 1991, p. 13-14; 250).

O escravo-narrador<sup>7</sup> de *A Gloriosa Família*, de Pepetela, um excluído do processo colonial, um “ex-cêntrico”, pertencente a Baltazar Van Dum, relata o confronto entre duas cosmovisões: a europeia e a africana: Nesse pano de fundo histórico é apresentado o cotidiano dos Van Dum pela voz do escravo, que acompanhava o senhor a todos os lugares e que tinha sido menosprezado por ele em certa ocasião:

---

<sup>7</sup> O escravo, filho de um capuchinho e de uma escrava, vivia na corte da rainha Jinga, que o presenteou a Baltazar Van Dum. Acompanhante do holandês, ele relata também fatos, comprovados e/ou transmitidos de forma oral: a chegada dos holandeses e a fuga da população de Luanda para o arraial do Gango, e depois para Massangano (1641); o fanatismo religioso do *predikant* calvinista; os conflitos internos dos governadores portugueses e dos diretores da Companhia das Índias Ocidentais, e entre Salvador e Recife; o não-autorizado ataque por Maurício de Nassau ao Gango; a prisão do governador Menezes e sua fuga de Luanda; o embarque terrível dos prisioneiros civis e militares portugueses para Salvador, via Recife; o mercado de escravos; a chegada do cartógrafo e astrônomo Marcgraf e do pintor Barlaeus, e seu falecimento; a coligação formada pelos flamengos, o rei do Congo, D. Garcia II, o Mani-Luanda, D. Agostinho, a rainha Jinga e sobas contra os lusos no contexto do tráfico de escravos e as guerras decorrentes (1646 e 1648); a 1. expedição brasileira derrocada pela malária (1645); a prisão de Cambo e Funji, irmãs de Jinga; a participação de Cadornega, cronista português, nas guerras; o estudo geológico e a concretização de um mapa pelo engenheiro Boreel, para a construção de um canal de água potável para Luanda; a chegada do exército de Salvador; a queima de documentos da Companhia das Índias Ocidentais e o auto-de-fé de um cristão-novo, fugido criança de Portugal para Holanda, e proveniente de Recife; a nova nomeação de São Paulo de Luanda para São Paulo da Assunção (1648); entre outros fatos.

Uma desforra para tanto desprezo seria contar toda a sua estória, um dia. Soube então que o faria, apesar de mudo e de analfabeto. Usando poderes desconhecidos, dos que se ocultam no pó branco da pemba ou nos riscos traçados nos ares das encruzilhadas pelos espíritos inquietos. Fosse de que maneira fosse, tive a certeza de o meu relato chegar a alguém, colocado em impreciso ponto do tempo e do espaço, o qual seria capaz de gravar tudo tal como testemunhei (PEPETELA, 1999, p. 393 e 394).

A oralidade do narrador-escravo, que assumia uma dimensão mágica, é acentuada por Ana Mafalda Leite no artigo *Testemunhos orais da história: A gloriosa família e A lenda dos homens do vento*:

*A gloriosa família* é uma narrativa pós-colonial, que cria uma história alternativa à historiografia colonial, pela voz narrativa oralizada de um excluído da história, ao parodiar, em simultâneo, o estatuto ficcional do discurso histórico e, simultaneamente, ajustar e prolongar essa mesma narrativa aos tempos atuais, mostrando como a sombra da história do império ainda sobrevive e se reproduz, fantasmagoricamente, nos novos poderes vigentes e nos seus novos ‘escravos’ (LEITE, 2012, p. 243).

## **Padres com múltiplas vocações**

A trajetória da dinastia de Baltazar Van Dum durante a ocupação holandesa de Luanda e região (1641 a 1648), a fim de organizar o tráfico negreiro rumo aos engenhos de cana-de-açúcar do nordeste brasileiro, é o principal tema do romance *A Gloriosa Família: O Tempo dos Flamengos*,<sup>8</sup> de Pepetela, que foi agraciado com o Prêmio Camões 1997, mesmo ano de sua publicação.

O escravo mudo evoca na narrativa vários aspectos relacionados à família mestiça, com destaque para o embate entre religiões distintas – de um lado, a cosmovisão cristã e, de outro, a mundivivência ancestral africana – que se materializaram na chegada do violento e fanático Padre Tavares à propriedade Van Dum e sua busca, nas cubatas dos escravos e forros, por objetos considerados sacrílegos.

---

<sup>8</sup> O romance está dividido em 12 capítulos numerados, os quais contêm informações, em parênteses, sobre mês e ano do ocorrido a ser narrado, ou seja, – Capítulo Primeiro (Fevereiro de 1642) –, a obra tem um prólogo sobre um episódio histórico envolvendo Van Dum, um cidadão flamengo, que vivia há muitas décadas em Luanda, antes da conquista holandesa, e genitor de uma grande dinastia, e tem um glossário, anexado ao final, que contém 42 palavras relativas à fauna, flora, cultura e religião de algumas etnias. Algumas palavras são do idioma kikongo, outras do kimbundu e do umbundu.

Pepetela incluiu no início de alguns capítulos do romance, trechos de documentos históricos,<sup>9</sup> alguns escritos por padres – Vieira, Taggia e Couto –, que observaram o desenvolvimento do tráfico escravo ou atuaram na colonização de Angola. Alguns religiosos, entretanto, defendiam interesses monetários, conforme acusa o governador Fernão de Sousa ao rei de Portugal, em carta de 29 de julho de 1632: “a gente que vay a Angolla, ainda os eclesiásticos, vão a negócio, e podesse temer vendão aos negros o santo bautismo, e permita nosso Senhor se não faça nos demais sacramentos” (SOUSA *apud* PEPETELA, 1999, cap. sexto, p. 179).

A inclusão no romance da ácida crítica ao comportamento inadequado de certos religiosos que agiam em dissonância com os votos de pobreza, revelada na missiva do ano de 1632, não mencionou, entretanto, a ruptura do juramento da castidade.

Em *A Gloriosa Família*, Pepetela criou personagens que eram padres: Guerreiro, João Cabeça, Moniz Barreto, Mateus e Tavares. O padre Guerreiro tinha partido do arraial do Gango rumo a Luanda, em maio de 1643, para atuar como uma espécie de diplomata, a fim de negociar com os holandeses, segundo comentou o português João de Brito com Baltazar o qual “Costumava a dizer que o Guerreiro, como padre, tinha aprendido a

<sup>9</sup> A intenção de escrever um romance histórico torna-se ainda mais evidente, pelo fato de o romancista colocar no início de dez capítulos dos doze, que compõem a obra, trechos de livros de História de proeminentes autores e de correspondência existente nos Arquivos da Haia e Prop, na Holanda, e nos Arquivos de Angola, em Luanda, bem como, na Biblioteca da Ajuda, em Lisboa: carta de anônimo sobre a chegada dos holandeses (maio de 1643), (Capítulo 2); relatório de Moortamer e Nieulant (11-09-1641) sobre a amizade oferecida por Dom Agostinho, comandante da Ilha de Luanda, pertencente ao Congo, (Capítulo 3); trecho de *A Dupla Restauração de Angola*, de Silva Rego (1948) com informações sobre a evasão do governador Pedro César de Menezes, auxiliado pelo capitão Gaspar Gonçalves, o Ensandeira, (Capítulo 4); comentário de C. R. Boxer, em *The Dutch in Brazil*, sobre a prematura morte do cientista alemão Marcgraf, enviado de Nassau, para Angola, onde pereceu vítima de paludismo (Capítulo 5); carta do governador Fernão de Sousa ao rei (29-07-1632) a respeito da necessidade de se batizar os negros em Angola (Capítulo 6); carta de Cornelis Ouman ao Conselho do Brasil (12-01-1642), oferecendo seus préstimos a Nassau para estabelecer o comércio com os lusos (Capítulo 7); carta de Francisco de Sottomayor ao Rei (04-12-1645) sobre a facilidade dos batavos em adquirir gêneros alimentícios no Bengo e no Dande (Capítulo 8); carta do Padre António Vieira ao Marquês de Nizza (12-08-1648) sobre a extrema importância de Angola no comércio de escravos (Capítulo 9); carta de Padre Bonaventura da Taggia ao Monsenhor Ingoli (05-09-1646) sobre a futura vitória dos portugueses devido aos prejuízos comerciais da Companhia das Índias Ocidentais (Capítulo 11) e carta do Padre António do Couto (05-09-1648) a respeito de uma missa campal realizada próxima a Luanda, durante a reconquista lusa (Capítulo 12).

convencer as pessoas de pecados inexistentes, por isso lhe era fácil convencer os holandeses de que só a paz interessava” (PEPETELA, 1999, p. 61).

Na vila de Massangano, que tinha se tornado a capital dos portugueses depois da invasão de Luanda pelos holandeses, dois padres – João Cabeça e Moniz Barreto – se envolveram, no mês de setembro de 1643, em um conflito por causa da sucessão do bispo Soveral que tinha desaparecido misteriosamente. Radical, o bispo “Queimava tudo. Fazia verdadeiras incursões militares pelas fazendas ao longo do rio Kwanza, pelos kimbos da região ou mesmo pelas casas de Massangano, à procura dos objetos sacrílegos”, bem como tinha ordenado vários mulatos em sua “fúria africanizadora” (PEPETELA, 1999, p. 98).

### **A cólera religiosa de padre Tavares diante do sincretismo religioso na sanzala Van Dum**

O negreiro Baltazar Van Dum, protagonista de *A Gloriosa Família*, tinha uma esposa oficial, D. Inocência, filhos legítimos – Gertrudes, Rodrigo, Ambrósio, Hermenegildo, Benvindo, Matilde, Rosário e Ana – e bastardos reconhecidos – Nicolau, Catarina e Diogo –, além de vários anônimos, concebidos com escravas, que viviam no quintal, além dos forros Kalungo, Ngonga e Kundi. Dimuka, escravo fiel, era “pessoa de muitas valias, indo desde capataz e responsável pela lavra, a chefe da segurança do cercado e carrasco. Pessoa de toda confiança de Baltazar” (PEPETELA, 1999, p. 29).

Educada em uma escola da missão religiosa, D. Inocência, filha de um soba (chefe) e cônjuge de Baltazar, zelava pela permanência dos bons costumes cristãos em sua residência, embora não tivesse controle da promiscuidade de seu marido e filhos com as escravas, tampouco da presença do sincretismo religioso vivenciado discretamente na sanzala (fazenda).

Muitos dos moradores – livres e escravos – tinham postura religiosa sincrética e contra elas se insurgiu o padre Tavares, o qual, conforme a descrição do narrador-escravo era “seco de carnes e esverdeado, como os portugueses que tinham resistido a muitos paludismos” (PEPETELA, 1999, p. 195 e 196). Fervoroso, ele exercera o sacerdócio na região entre o rio Bengo e a Kilunda e depois em Massangano, de onde partira, no mês de junho de 1645, com carta de recomendação do governador Menezes com solicitação de apoio de Baltazar Van Dum.

Padre Tavares repelia o uso de talismãs que eram objetos aos quais se atribuem poderes extraordinários para a realização de desejos, e a posse de

amuletos, pequenos artefatos que as pessoas trazem consigo ou guardam na crença em seu poder mágico, a fim de afastar desgraças ou malefícios. Para o religioso, tais artigos deveriam ser destruídos pelo fogo depurador e as moradias tinham de ser purificadas com água benta.

Hospedado na propriedade do holandês e acompanhado por Ambrósio Van Dum, filho do anfitrião, Tavares iniciou uma severa inspeção nas moradias dos forros e dos escravos, “à procura de feitiços” (PEPETELA, 1999, p. 195 e 196), em um tipo de guerra santa com perseguições inclementes por objetos, considerados sagrados na mundivivência africana:

Este padre era um adepto da estratégia de convencer as pessoas à força. E tinha uma versão profunda a todas as estatuetas de madeira ou aos chifres com pozinhos ou fios de tendões de animais, que usamos para não termos azares ou até apenas para nos enfeitarmos. Foi uma confusão na sanzala, com o padre a entrar nas cubatas e a atirar para o meio do terreiro todas bugigangas que lhe pareciam suspeitas de terem trato com o demônio (PEPETELA, 1999, p. 196).

Na furiosa limpeza de elementos materiais e imateriais, vinculados às práticas demoníacas, na concepção cristã, Padre Tavares agia como um possesso e causava apenas certo tipo de resignação nos cativos:

As pessoas deixaram fazer, os escravos não podem protestar se lhes roubam os deuses. Apareceram muitos objectos, mas não vi nada de grande importância, Por isso os habitantes da sanzala se mostravam mais surpreendidos que revoltados. Alguns até encolhiam os ombros se da sua cubata voava um amuleto, para se juntar aos que já jaziam na areia vermelha (PEPETELA, 1999, p. 196).

A maneira violenta e histérica do sacerdote causava pasmo nos moradores e contrastava com a aparente apatia deles diante do roubo dos deuses africanos, fato que refletia a aceitação da condição de submisso de alguns deles na engrenagem infame da escravidão.

Na cubata do capataz, o escravo Dimuka, o empertigado religioso:

[...] pegou então uma fúria sagrada, segurou a batina com as duas mãos e se pôs a saltar para cima da pequena estatueta, tentando parti-la. Ambrósio disse, com muita ironia que todos perceberam menos o padre:

– Tem aqui um simples machado. Esse satanáas só vai com machado, é imune ao fogo de Deus.



E o padre Tavares lá foi aliviando a fúria com sucessivas machadadas no boneco, que o reduziram a achas finas. Contemplando a sua obra, o padre limpou as gotas de suor que apareciam na testa, orgulho no olhar (PEPETELA, 1999, p. 196 e 197).

Após ter arremessado objetos sagrados ao chão e sapateado sobre eles, padre Tavares ateou fogo. Eles foram consumidos, exceto aquela estatueta, construída a partir da resistente e compacta madeira de lei:

[...] o padre pegou fogo ao montinho de coisas. Como eram sobretudo de madeira mole e pele ou cabelos, quase todos os objectos arderam facilmente. Mas havia o maior de todos, de pau-ferro, que teimava em enegrecer ainda mais mas não arder. Era uma estatueta que estava na casa de Dimuka, o padre gritou para trazerem gravetos e voltou a fazer uma pequena fogueira, inteiramente dedicada à estátua de Dimuka. Inútil, pau-ferro não arde com facilidade (PEPETELA, 1999, p. 196).

Em conversa com Baltazar, o assustado Dimuka confessou, envergonhado, que não sabia mais o significado daquela peça de madeira, pois tinha sido caçado, escravizado, afastado dos seus e, finalmente, tinha sido batizado. Tratava-se de um artefato religioso que tinha um profundo valor afetivo:

– Era da minha mãe. Nem sei para que servia, estava só num canto a enfeitar a sala. Podia ter sido feito para as mulheres deixarem de ser estéreis, ou para chamar a chuva, ou para lembrar um antepassado qualquer. Se foi algum dia, já nem era amuleto agora, porque esquecemos a sua serventia. Não sei para que estragar... (PEPETELA, 1999, p. 197).

No processo de cristianização, alguns nativos como o escravo Dimuka, que foram batizados, tinham perdido os vínculos religiosos, mas conservavam os artefatos sacros, em sinal de reverência e temor. Ele confessou ao seu dono que mantinha um junto ao corpo, um pequeno chifre de cabra pendurado em fio atado ao redor da garganta:

O meu está aqui bem escondido, no pescoço, este é que me protege.  
E mostrou um chifre de mabambi que tinha preso a um fio de missangas. Baltazar concordou com a cabeça.  
– Deixa lá, o padre precisa de trabalhar, fica de bem com sua consciência. Mas esconde essa porcaria, senão ele ainda a arranca. E com ela vai o pescoço (PEPETELA, 1999, p. 197).

Indignado contra a estatueta de madeira, que tinha sido destruída a machadadas, mas que não tinha sido totalmente destruída pelas chamas, padre Tavares procurara uma maneira de punir Dimuka que conservara o objeto, sugerindo à sua esposa, no âmbito da confissão, que evitasse relações íntimas com ele. A ridícula manipulação para punir o escravo, que mantinha amuleto na cubata, abalou a estrutura emocional da cónjuge que temia ser vítima de enfermidades fatais:

Até Dimuka, sempre tão servil, suspirava para ver o padre abandonar a sanzala. Porque, quando a mulher foi à confissão, ouviu tremendo sermão e ameaças por causa do ídolo que tinha sido encontrado em casa deles e não ardia. A resistência da madeira era devida, segundo o padre Tavares, a uma doença terrível que Dimuka sofria sem saber, pois nada sentia, e era transmitida à mulher pelo acto sexual. Se ela apanhasse a doença, morreria com sofrimentos tão grandes como o fogo do inferno, portanto ela nunca mais devia aceitar o marido da cama. Tão aterrorizada ficou que desde domingo fugia do contacto com o corpo de Dimuka e lhe disse, depois de muita insistência, foi o padre que avisou, não devo mais te deixar brincar comigo, mas não entrou em mais detalhes (PEPETELA, 1999, p. 210).

Depois de destruir amuletos e talismãs dos escravos por meio do fogo, o religioso prosseguiu em seu rito purificador com rezas e aspersão de água sagrada nas cubatas. Ele ia “Purificando tudo do mau hálito do satanás” (PEPETELA, 1999, p. 198).

Temerosa estava diante das exageradas investidas do padre a habilidosa cozinheira Catarina, filha bastarda de Baltazar Van Dum e de uma escrava do quintal, que fora vendida por causa dos ciúmes de dona Inocência. Ela dormia na casa grande e conservava um amuleto com desenhos coloridos que tinha o poder de afastar as ondas negativas. Mas Tavares “não se atreveu a vasculhar nas casas onde morava a família Van Dum e só deitou água benta nos corredores, sem entrar nos quartos à cata de feitiços” (PEPETELA, 1999, p. 198):

Foi por isso cuidado desnecessário o gesto de Matilde e Catarina, apressadas em esconder no meio das roupas alguns objectos que guardavam no quarto, mais por memória que por crença. Embora Catarina fosse muito afeiçoada a uma pele de mbambi com estranhas pinturas brancas e vermelhas que o irmão da mãe lhe mandou do Leste, para sua protecção contra os maus espíritos (PEPETELA, 1999, p. 198).

A árdua tarefa de padre Tavares para desinfetar os ambientes da pestilência demoníaca, por meio de água benta e orações, segundo os ditames de sua cosmovisão católica, teve sucesso:

Na hora do almoço, a conversa tinha de se fixar em queimas de ídolos e feitiços, não podia deixar de ser. Baltazar puxou o tema, ao dizer que afinal havia muito poucos amuletos, ele estava convencido que todos os escravos tinham mais que um, se encontravam em todo o lado. Disse sem ironia, embora tivesse provocado vários sorrisos escondidos.

– Houvesse só um e já teria sido uma boa colheita. Não se pode deixar de pé um só dos filhos de Belzebu.

D. Inocência se benzeu, dizendo Virgem (PEPETELA, 1999, p. 198).

Caçador implacável de artefatos considerados de culto ao demônio e às trevas e defensor do mundo das luzes, o sacerdote trazia em si contradições que não ocultava. Ele tentou, nas cercanias da lagoa do Kinaxixi, uma aproximação física de Hermenegildo Van Dum (carícias na coxa do jovem e elogios ao cabelo e nádegas), considerada inadequada à sua profissão. Enojado, o rapaz o empurrou, o derrubou na areia vermelha, correu e confessou o ocorrido a Ambrósio, que comentou sobre padres, alguns libertinos, outros criminosos:

– Ora, ora. Quantos padres há aí com filhos? Até parece ser o mais usual. Era miúdo na altura, mas ainda me lembro de ter havido grandes escândalos e discussões em Luanda por os padres serem constantemente apanhados com mulheres. E houve mesmo um governador que escreveu um relatório violento ao rei, na altura era o tempo dos Filipes de Espanha. Acusava que a maior parte dos padres não tinham condição moral de exercer o sacerdócio e que muitos vinham de Portugal por terem sido condenados por crimes, que não serviriam para lá e eram desterrados, porque aqui não era terra de fartar vilanagem. Este não é diferente (PEPETELA, 1999, p. 208 e 209).

No dia seguinte, Hermenegildo foi requisitado pelo padre Tavares para acompanhá-lo a ilha de Luanda, a fim de conversar com o religioso Mateus. Na volta, Tavares pediu para que entrassem na Igreja do Corpo Santo e no campanário exigiu satisfações a respeito do comportamento agressivo do rapaz exigindo que baixasse as calças para lhe aplicar uns “açóites redentores”. Confrontado foi, entretanto, com a resoluta postura furiosa do jovem Van Dum:

– Não vai dar açoite nenhum. [...] Não sou eu que tenho de dar satisfações, é o senhor padre. [...] E aconselho-o a esquecer a minha família, que é católica praticante e muito mais temente a Deus que você. Se tentar fazer mal a um meu parente, pode ter a certeza que vou contar tudo. Mais. Vou falar do seu língua que se suicidou e porquê. Porque estava quase a ser padre e sentia que havia uma contradição entre os votos que ia receber e a prática a que o senhor o obrigava com os seus vícios depravados. As autoridades do Santo Ofício vão gostar de saber (PEPETELA, 1999, p. 212 e 213).

## Considerações finais

A religião africana tradicional na costa ocidental está pautada no temor e reverência. Emanuel N. Obiechina, em *Culture, Tradition e Society in the West African Novel* (1978), esclarece que toda dimensão da experiência humana, na concepção africana, estaria ligada ao sobrenatural. E Kofi A. Opuku, na obra *A religião na África durante a época colonial* (2010), explica que haveria nessa cosmovisão, de um lado, um Deus, uma hierarquia de espíritos (ancestrais, deidades, deuses e espíritos) e, de outro, agentes da magia, da feitiçaria e da bruxaria que trabalhavam com amuletos, talismãs e encantos, utilizados para proteção e agressão.

O capuchinho italiano Pe. Giovanni Antonio Cavazzi de Montecúollo (1621-1678), desde 1653, atuou longos anos na ampla região da costa ocidental africana, e escreveu a obra monumental, *Descrição histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola*. Nesta ele fez várias observações aos missionários que iriam atuar com povos que tinham diversas superstições e confrontar feiticeros que prejudicavam a conversão dos nativos.

A chegada do cristianismo europeu e sua imposição aos povos subjugados, com destaque para a colonização portuguesa e a obrigação dos sacramentos, revelam o choque entre a religião tradicional e o catolicismo romano e suas formas de intolerância: a evangelização e o abalo da coesão comunitária, das relações familiares, do papel dos sacerdotes, dos curandeiros e dos feiticeros etc.

Contra essa mundivivência, o cristianismo, como imposição da cultura portuguesa na costa ocidental africana, desde o final do século XV, se impôs e provocou o enfraquecimento da religião tradicional, com métodos radicais de catequização com visitas de padres às aldeias e a construção de missões e escolas católicas:

De maneira geral, pode-se dizer que as missões cristãs na África eram as aliadas e o complemento do imperialismo europeu; a atividade missionária fazia parte do avanço ou da penetração do Ocidente no mundo não ocidental (OPUKU, 2010, p. 611).

Em relação às marcas das simbologias e das estéticas religiosas, consta no capítulo 1 – Sobre o poder simbólico (*O poder simbólico*, de Pierre Bourdieu), que: “O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformadora, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimadora, de outras formas de poder” (BOURDIEU, 2012, p. 15).

Na paisagem sociocultural de Luanda e região cristianizada, o crucifixo, as imagens e quadros de santos e rosário refletem o poderio colonial.

De um lado, objetos cristãos e, de outro, artefatos autóctones (amuletos e talismãs): uma visão redutora europeia, como reflexo de uma visão dialética do mundo transcendental, que legitimava a catequese católica de além-mar, por considerar a religião nativa como pagã e inferior conforme se constata na narrativa *A Gloriosa Família: O tempo dos flamengos*, de Pepetela, uma “metaficção historiográfica” (HUTCHEON).

O narrador-escravo relata episódios da cosmovisão africana, do culto aos ancestrais, à divindade e aos espíritos, bem, como o sincretismo religioso, a aculturação e as maneiras de combatê-lo, principalmente as atitudes radicais do padre Tavares, que rejeitava práticas da sociedade tradicional.

Zeloso com a doutrina da igreja católica romana, o religioso era “adepto da estratégia de converter as pessoas mesmo à força” (PEPETELA, 1999, p. 196), e depois de obter autorização de Baltazar van Dum, invadiu a moradia dos cativos batizados, que mantinham resquícios de religiosidade de suas etnias; uma situação que refletia não somente o processo conflituoso de contato cultural (assimilação e aculturação) com a sociedade nativa, mas também com o sincretismo.

Com profunda aversão profunda a “estatuetas de madeira”, “chifres com pozinhos”, “fios de tendões de animais”, padre Tavares, “à cata de feitiços”, adentrava cubatas dos escravos e confiscava “bugigangas que lhe pareciam suspeitas de terem trato com o demônio” que alguns escravos utilizavam como adorno ou para afastar os “azares”. O religioso ali estava para acabar com o “mau hálito do satanás” (PEPETELA, 1999, p. 196 e 198).

Por meio de métodos que refletiam intolerância, preconceito e intransigência, o sacerdote acreditava ter de banir os amuletos e talismãs

com significado religioso que alguns escravos mantinham em suas cubatas ou portavam em si, embora alguns deles não soubessem mais a utilidade de tais objetos mágico-religiosos. Na sanzala Van Dum, ele os jogou no terreiro para queimá-los em uma fogueira, bem como, benzeu os locais com água benta e rezou para purificar os ambientes. Com métodos intimidantes, aterrorizou os cativos e os livres, e chegou até mesmo a desesperar a esposa de Dimuka, afirmando que o cônjuge haveria de contaminá-la com doença sexual. Tratava-se de um ato de vingança covarde, pois o artefato do escravo era de pau-de-ferro e não fora totalmente destruído pelo fogo.

Guerreiro de Deus no combate à moralidade e às superstições nativas, padre Tavares revelou-se um grande hipócrita com vivências homoafetivas que tinham levado um seminarista ao suicídio e, apesar da tragédia, ele tentou seduzir Hermenegildo Van Dum, que não o aceitou, não se intimidou e o convenceu a sair de Luanda, se não o denunciaria ao Santo Tribunal da Inquisição.

A maneira violenta de um sacerdote católico, como padre Tavares, invadir a moradia dos cativos batizados, que mantinham resquícios de espiritualidade de suas etnias, reflete não somente o processo opressor de contato cultural dos europeus com a sociedade nativa, mas também o sincretismo religioso existente.

## Referências

ABBAGNANO, Nicola. Religião. In: \_\_\_\_\_. **Dicionário de Filosofia**. Trad. da 1. ed. sob coord. de Alfredo Bosi. Revisão e trad. dos novos textos por Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012, p. 997.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Trad. de Fernando Tomaz, 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2012, cap. 1 – Sobre o poder simbólico, p. 7-15.

CAVAZZI DE MONTECÚCOLLO, Pe. Giovanni Antonio. **Descrição histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola**. Trad., notas e índices do Pe. Graciano Maria de Leguzano. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965, v. 1.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Trad. de Viviane Ribeiro, 2. ed. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

GREGÓRIO, Sérgio Biasi. Sincretismo. In: \_\_\_\_\_. **Dicionário de Filosofia**. Disponível em: < <https://sites.google.com/site/sbgdicionariodefilosofia/sincretismo>>. Acesso em: 13 mai. 2016.

GUERRA, Flávio. Duas ou três coisas que eu vi em Angola. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 22 jan. 2001. Caderno Cultural, p. D 10.



HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-Modernismo**: história, teoria, ficção. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JOHNSON, Allan G. Contato cultural. In: \_\_\_\_\_. **Dicionário de Sociologia: Guia Prático da Linguagem Sociológica**. Trad. de Ruy Jungmann. Consultoria de Renato Lessa. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 52.

LEITE, Ana Mafalda. Testemunhos orais da história: A gloriosa família e A lenda dos homens do vento. In: \_\_\_\_\_. **Oralidades e escritas pós-coloniais**: estudos sobre literaturas africanas. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012, p. 233-251.

OLIVEIRA, Ingrid S. Semelhanças e diferenças na escrita da história da África Centro-Ocidental no século XVII: os casos de Cadornega e Cavazzi. **Cad. Pesq. Cdhis**, Uberlândia, v. 23, n. 2, p. 417-435, 2010.

OPUKU, Kofi A. A religião na África durante a época colonial. In: BOAHEN, Albert A. (Org.). **História Geral da África**, 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, v. VII, cap. 20, p. 591-624.

PEPETELA. *A Gloriosa Família: O tempo dos flamengos*, 2. reimp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

SOUZA, Marina de Mello. **Evangelização e poder na região do Congo e Angola**: a incorporação dos crucifixos por alguns chefes centro-africanos, séculos XVI e XVII. Disponível em: <[http://cvc.instituto-camoes.pt/eaar/coloquio/comunicacoes/marina\\_mello\\_souza.pdf](http://cvc.instituto-camoes.pt/eaar/coloquio/comunicacoes/marina_mello_souza.pdf)>. Acesso em: 13 mai. 2016.

## ICONOGRAFIA

Figura 1 – Cristianismo na África (Missão católica). Disponível em: <<https://spiritosanto.files.wordpress.com/2012/11/missionario-capuchhinho.jpg?w=565&h=380>>. Acesso em: 13 mai. 2016.

Figura 2 – Amuletos e talismãs africanos. Disponível em: <<http://www.luispellegrini.com.br/2011/01/17/taliskas-a-arte-de-chamar-a-sorte/s4300029-1/>>. Acesso em: 13 mai. 2016.

Figura 3 – Catequização católica diante de um cubata. Disponível em: <[http://4.bp.blogspot.com/\\_QN04x6AzKRw/Swg9AXloBmI/AAAAAAAAARww/RMaxazkZCU0/s400/mo4.jpg](http://4.bp.blogspot.com/_QN04x6AzKRw/Swg9AXloBmI/AAAAAAAAARww/RMaxazkZCU0/s400/mo4.jpg)>. Acesso em: 13 mai. 2016.

Submetido em: 15-7-2017

Accito em: 12-8-2018